

O ano passado em Gramado

*Juremir Machado
da Silva*

Jornalista, Escritor, Historiador e Doutor em Sociologia pela Sorbonne (Paris V). Professor da FAMECOS/PUCRS.

Havia um mistério na Serra. A aura de um filme prometido para algum dia. As noites do Serrano pareciam elétricas. As madrugadas espiralavam-se como foguetes no inverno sonolento. O ano passado, em Gramado, já não era o tempo da novela *o Quatrilho*, embalada pela voz mítica de Caetano (ou seria a canção mágica?), tampouco a vez de *O que é isso, companheiro?* Mas por que não? As aventuras da geração de Fernando Gabeira estavam lá, de alguma forma, no âmago, no ventre, nas entranhas do Festival, desde o começo.

Quando a simplificação parece consumir o mundo, a arte precisa manter a cabeça acima das nuvens, em busca do ar do delírio capaz de produzir o complexo. *O que é isso, companheiro* resgata, mais do que a história da luta armada e das utopias dos anos sessenta, o valor da contradição, da alma humana dilacerada entre o certo e o errado, o sonho e a perdição. Um

sereno embaixador norte-americano que se caga de medo e, ao perder o controle emocional, ganha uma estranha dignidade, a força dos frágeis, a humanização pela merda.

Seqüestradores estupendos, feitos de carências e de idealizações, de ousadia e de dogmas. O filme de Bruno Barreto faz de Gabeira um jovem irônico, inteligente, astuto, divertido: guerrilheiro da palavra num universo de atos no limite da vida. Torturadores que perdem o sono, o Brasil urrando no Maracanã, a chefona do bando transida de amor, sob os lençóis do MR-8, e a vida lá fora tão ambígua, diferente e sempre igual.

No ano passado, em Gramado, esvoaçavam bandeiras, sorrisos, perfumes. A ditadura já era somente um assunto para filmes, embora alguns dos temas de luta pouco tivessem avançado. O equilibrista simula a queda e Barreto sugere que todos tinham pego a nave errada, uns, entretanto, em nome da liberdade (ou do que imaginavam ser a liberdade), outros pelos privilégios (que chamavam também de liberdade). As palavras são cães chutados nos cantos de velhas casas. Alguns até podem reclamar, pois Barreto fugiu do

maniqueísmo e explorou os paradoxos de seres movidos a paradoxos.

Entre duros, mas nem tanto assim, e maleáveis, mas nem sempre, o Brasil viu o pau comer. O difícil é olhar para trás e refletir com as preocupações de hoje, sem nostalgia. *O que é isso, companheiro?* tem valor psicanalítico, pois coloca o país na cara do país, sem complacência, mas conciliando os inconciliáveis, mostrando o outro lado de cada um na longa noite da (in)cultura. O chagal pode ter olhos verdes e lábios de mel. Depois de mais de uma década de miséria, o cinema nacional acorda para pensar. Acabou a espiral da inércia?

O ano passado em Gramado, em 1972, tudo já estava lá, a corrida contra a dor e a voracidade da boca maldita dos fazedores de silêncio. De um embaixador a outro, de uma crítica a outra, de um projeto a outro, a terra prometida aparecia na volta da esquina para sumir na curva da tempestade. Décadas de paixão e de estarecimento, antes da pausa constrangedora, do salto para o lado, da maré do pragmatismo, dos neos que de tão velhos matariam de tédio, se não fosse mais grave.

Havia uma promessa curvilínea, uma brincadeira malemolente, um escurinho povoado de cheiros e de risos, uma sedução desprovida de fim. Havia também discussão sobre os homens de preto que passavam no outro lado, do outro lado das cataratas. O ano passado, em Gramado, alguém gritava para o alto, segurando os cabelos, descobrindo o rosto, sorvendo o ar da montanha como uma música aquática. E se na complexidade de todos nem sempre a escorregadia simplicidade se impunha, ao menos, com alguma certeza, nenhuma verdade tinha vindo para ficar.

E se alguém perguntasse, se alguém se espantasse, se alguém se deslumbrasse: o que é isso, companheiro? Não seria mais do que um beijo, o que já é tudo quando os olhos fixam o vazio para revelar o impossível. O ano passado, em Gramado, era setenta, era oitenta, era noventa, era o Brasil. E fazia frio! A ditadura passou por lá, nas telas (e fora delas), a «abertura», com frestas e esperas, também. Enquanto o vagaroso andar dos generais se eternizava, havia

corpos em movimento, mentes em ebulição, frases soltas na terra.

Mas isso foi antes, e depois, enquanto no ano passado, em Gramado, em meio à festa, havia uma luz. Estrada de fantasias, quantos estiveram lá? Ano passado em Gramado, Alain Robbe-Grillet presidia o júri; mas isso foi antes. Mas antes é sempre ano passado. E elas extasiaram os olhos, fascinaram os espectadores, inventaram imaginários... Por tanto passado, de ausências, presenças e glórias, o futuro não se cansa de renascer. Rastro de perdas, rastro de vitórias, de desnudamento e de fervor, de experiências e de desatino, ano passado em Gramado havia um homem, uma mulher e um filme .

